

Resumo do livro

Mario Pedrosa, crítico de arte e da modernidade apresenta uma introdução e cinco capítulos. Os textos focalizam aspectos da vida e da crítica de arte de Mario Pedrosa, que evidenciam o quanto os fundamentos de sua crítica de arte estiveram associados a sua crítica à modernidade. Parte-se da suposição que Pedrosa elaborou uma concepção de modernidade incomum para sua época, a qual não desdenhava do tempo das origens, do passado e das diferenças culturais e étnicas. Tal concepção o distinguiu de críticos e historiadores da arte contemporâneos seus. Quando, no Brasil, a onda moderno desenvolvimentista fazia soar mais alto as esperanças no futuro do país, Mario Pedrosa problematizava a aceleração do tempo e o individualismo exacerbado próprios da modernidade. A arte abstrata geométrica, apregoada por ele, continha uma contradição: ela fazia parte do tempo moderno, mas, ao mesmo tempo, trazia a promessa de sua redenção. Somente a arte concreta poderia devolver aos seres humanos a sensibilidade perdida em um mundo limitado pela racionalidade técnica. A visão de Pedrosa destoava.

O fio condutor dos capítulos é, portanto a relação entre arte e modernidade, tal qual adotada por Mario Pedrosa. Para tanto o livro focaliza: 1) a amizade entre Mario Pedrosa e Mario de Andrade, suas proximidades e diferenças; 2) a atuação de Mario Pedrosa no Ateliê do Engenho de Dentro do Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II e o surgimento da arte concreta carioca; 3) a curadoria da 6ª Bienal de São Paulo e a noção de modernidade do crítico; 4) o processo de elaboração da crítica à modernidade em Pedrosa; 5) o protagonismo de Mario Pedrosa na criação do Museu da Solidariedade Salvador Allende durante e o seu exílio em Santiago do Chile.

O livro contribui para o desenvolvimento da área de sociologia da arte para a qual tem havido uma crescente demanda em cursos de graduação e pós graduação, além de intervir no debate sobre a atualidade das ideias do crítico.